

CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE FILOSOFIA E FELICIDADE EM EPICURO

Francisco José da Silva*
filosofranz@yahoo.com.br

Resumo: Epicuro (342-270 a.C) se tornou conhecido por sua escola localizada em um jardim, lugar de encontro dos amigos e de reflexão sobre a vida boa. A filosofia, para ele, deve ser cultivada desde a infância à velhice, servindo como uma educação para a felicidade, livre do temor da morte e da superstição, numa época em que a Grécia vivia sua decadência política sob o império macedônico. Tal modelo de educação filosófica para a felicidade adequa-se a uma época como a nossa, na medida em que cresce o fanatismo religioso, bem como os estados nacionais perdem sua soberania e a corrupção toma conta da política.

Palavras-chave: Epicurus, felicidade, filosofia.

Abstract: Epicurus (342-270 b.C.) has become well known for his school in a garden, a place to meet friends and reflect about good life. Philosophy, as he thinks, must be cultivated from childhood to old age, serving as an education to happiness, free from fear of death and superstition, in an epoch that Greece lived his politic decadence under the Macedonic Empire. This model of philosophic education to happiness is adequate to an epoch like ours, where increase the religious fanaticism, as well the national states lost his sovereignty and the corruption take place in politics.

Key-words: Epicure, happiness, philosophy.

* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará.

I Introdução

Vivemos numa época de globalização econômica, de pluralismo cultural, de secularização, de tecnologização, de terrorismo e fanatismo religioso, de corrupção política e mundialização. Nesta perspectiva, a educação surge como problema a ser resolvido: O que ensinar? Como ensinar? Qual a meta da educação? Que tipo de educação é adequada para nossa época?

Diante destes desafios, o problema se agrava quando falamos de filosofia, pois numa civilização técnico-científica parece restar pouco espaço para uma forma de saber que já foi tantas vezes questionada e parece sucumbir diante das investidas das novas formas de entender o real. A filosofia se limitaria a ser análise da linguagem? Seria uma forma de literatura que não pretende a objetividade científica? Com o fim da metafísica qual o estatuto da filosofia hoje? Que tipo de educação a filosofia pode nos oferecer?

Atualmente parece que vivemos um renascimento da filosofia e do interesse pelos temas e discussões filosóficas, novas formas de aplicação da filosofia surgem constantemente, na educação vemos a filosofia infantil, na literatura os romances filosóficos, na terapia a filosofia clínica ou terapêutica, surgem ensaios sobre filosofia e cinema, filosofia e literatura, nas tevês surgem quadros sobre filosofia, palestras e cafés filosóficos estão na ordem do dia, mas poderíamos nos perguntar, tudo isso indica um real interesse pela filosofia acadêmica ou busca-se uma outra forma de responder aos problemas que afligem as pessoas hoje? Como a filosofia pode responder as questões existenciais de nossa época?

Nesse sentido consideramos importante reavaliar a proposta de educação filosófica de Epicuro (séc.IV a.C.) enquanto educação para a Felicidade, visto que podemos encontrar diversos pontos de encontro entre sua circunstância histórica e a nossa. Começaremos por expor a concepção epicurista de filosofia e suas implicações no que diz respeito à educação e como esta se destina a busca da vida feliz.

II A educação filosófica e a felicidade

A filosofia epicurista teve larga aceitação no mundo antigo, como também foi muito criticada por pessoas que maldosamente atribuíram a Epicuro condutas incompatíveis com os princípios por ele assumidos. Sua fama de mestre carinhoso e pessoa amável foi talvez o que levou seus discípulos a venerá-lo de forma respeitosa e fiel. Das muitas obras que escreveu (cerca de trezentas) restam-nos poucas, tais como as três cartas, a Meneceu, a Pítocles e a Heródoto, algumas máximas e o testamento. Sua posteridade pode ser atestada pelas obras de Diógenes Laércio,¹ de Lucrécio,² de Cícero, de Sêneca e na modernidade por Gassendi, Hegel³ e Marx.⁴

O ensinamento do mestre se dava num jardim (Kêpos) que ele possuía em Atenas, por isso denomina-se escola do jardim, mas que não pode ser confundido com uma escola filosófica no sentido da Academia de Platão ou do Liceu de Aristóteles, senão como um lugar de encontro informal de amigos que comiam e conversavam juntos sobre a vida feliz. Em geral se contrapõe à filosofia epicurista o estoicismo de Zenão, mas de certo modo ambas as escolas tinham uma busca comum, porém com métodos diferentes. O próprio Hegel considera estas filosofias como bastantes semelhantes entre si.⁵

A filosofia epicurista consistia num sistema articulado em três dimensões: a canônica, a física e a ética. A primeira voltada para a correção do pensar (fundado nas sensações) e da linguagem, a segunda, enquanto base da compreensão do real enquanto constituído por átomos (idéia derivada da filosofia de Leucipo e Demócrito).

¹ Laércio, D. *Vida e Doutrina dos filósofos ilustres*.

² Lucrécio, T. C. *Da Natureza*.

³ Hegel, G. W. F. *Lecciones sobre la historia de la filosofia*, vol. II, p. 375-404.

⁴ Marx, K. *Diferença das filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro*.

⁵ Hegel, G. W. F. *Lecciones sobre la historia de la filosofia*, vol. II, p. 404.

to) e, em terceiro lugar, a ética, parte principal e meta da filosofia de Epicuro.

Para Epicuro, a filosofia não é mais entendida como um desejo natural de conhecimento que conduz a um saber especulativo e sistemático no sentido de Aristóteles, nem como a metafísica de Platão, onde se buscava ascender ao Mundo das Idéias, enquanto arquétipos do real, mas como uma forma de alcançar a verdadeira felicidade. Sua filosofia é de uma simplicidade e de uma clareza espantosa, justamente para ser acessível a qualquer pessoa comum, não é à toa que ela alcançou uma admiração e uma duração digna de nota. Nada mais estranho a ele que um sistema especulativo que não ensina como viver bem ou que torne este viver bem algo inalcançável.

Para o mestre de Samos, não há idade para iniciar a filosofar, tanto o jovem quanto o idoso podem e devem dedicar-se ao exercício da filosofia, neste sentido podemos dizer que ele estaria de acordo com o ensino da filosofia para crianças e adolescentes e que na melhor idade este exercício seria uma forma de aprimorar a qualidade de vida.

Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho para alcançar a saúde do espírito (*psykhen hygiainon*). Quem afirma que a hora de dedicar-se a filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz (*eudaimonian*).⁶

Como podemos perceber pela leitura Epicuro vincula claramente a filosofia à vida feliz, ou seja, a filosofia é uma atividade que consiste no exercício da sabedoria. A sabedoria (*sophía*) é um ideal que se exprime no conceito grego de *kalokagathía*, ou seja, do homem belo (*kalós*) e bom (*agathós*), cujo equivalente romano está sintetizado na frase “*mente sã em corpo sã*” (*mens sana in corpore sano*). Ser sábio significa cultivar não apenas as habilidades cogniti-

⁶ Epicuro. *Carta sobre a Felicidade (a Meneceu)*, p. 21-23.

vas, mas ser capaz de portar-se dignamente e agir de acordo com princípios éticos. Neste sentido, os benefícios proporcionados pela filosofia não estão apenas na capacidade de argumentar logicamente para chegar à verdade, mas na possibilidade de realizar o ideal do homem sábio e virtuoso, o qual não precisa de nada mais e não teme nada.

Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer através da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir; é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la.⁷

Como podemos ler na citação acima a filosofia é considerada como saúde do espírito (*psykhen hygiainon*) e como felicidade (*eudaimonia*), uma forma de rejuvenescimento pela recordação do que passou e como destemor diante do porvir. Ainda segundo ele, a filosofia nos possibilita a fruição da vida efêmera (*zoés thneton*), o que nos permite certo desapego das coisas, isto é, não querer tornar a vida algo infinito, o que ela não é.

A filosofia neste sentido é para Epicuro uma atividade que conduz à felicidade, uma forma de vida boa que não tem na curiosidade desinteressada seu fim último, mas uma busca de saber nos permite adquirir os requisitos básicos para a felicidade. Os impedimentos à vida feliz são basicamente dois: o temor da morte e a superstição religiosa. O temor da morte se dá pela incompreensão da essência da morte, as pessoas por considerarem-na um mal se apegam à vida, para o mestre do Jardim a morte não é um mal em si mesma, na verdade a morte nada é, pois quando somos ela não é, e quando ela é, nós não somos. Logo, a morte se revela como ausência de sensações, e como são estas que nos manifestam o prazer e a dor, a morte não nos afeta. Segundo o mestre de Samos: “A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a

⁷ Ibidem.

fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade”.⁸

Neste ponto Epicuro toma uma perspectiva próxima da filosofia contemporânea que assume a finitude e a contingência como algo que não podemos desconsiderar na abordagem das questões filosóficas de hoje, o que já foi profundamente evidenciado por Heidegger, em *Ser Tempo*, e que diz respeito a um dos princípios fundantes da filosofia atual.

Em segundo lugar está a superstição em relação aos deuses, o vulgo crê erroneamente que os deuses se envolvem nos acontecimentos dos mortais e por isso se angústia ao buscar aplacar seus caprichos, para Epicuro os deuses na verdade são seres bem-aventurados que não se intrometem na vida humana, justamente por serem seres felizes e auto-suficientes, logo é vão querer conseguir deles qualquer benefício ou evitar malefícios causados pelos seus caprichos, ao contrário, os deuses são modelo ou o protótipo da vida feliz a qual o sábio deve buscar.

Os deuses de fato existem e é evidente o conhecimento que temos deles; já a imagem que deles faz a maioria das pessoas, essa não existe: as pessoas não costumam preservar a noção que têm dos deuses. Ímpio não é quem rejeita os deuses em que a maioria crê, mas sim quem atribui aos deuses os falsos juízos dessa maioria.⁹

Tal concepção dos deuses é importante para concebermos uma idéia razoável da religião hoje, vivemos numa época de fanatismo religioso exarcebado, em especial pelos fundamentalismos, e ao mesmo tempo de secularização, fruto de uma visão iluminista e cientificista que perdura até hoje, como seria então possível uma conciliação ou uma posição filosófica que tornaria possível evitar tais extremismos? Diante desse problema a filosofia epicurista nos permitiria ver os limites destas duas visões ao apontar para uma

⁸ Idem, p. 27.

⁹ Idem, p. 25.

perspectiva mediana, não absolutizando alguma das posições, e voltada para a questão da vida feliz.

Mesmo assumindo a perspectiva atomista de Leucipo, Epicuro não cai no fatalismo ou no determinismo naturalista, pois ele distingue entre situações regidas pela necessidade natural, pelo acaso e por nossas escolhas, a liberdade é algo fundamental em sua concepção da ética. Segundo ele, é muitas vezes preferível crer nos mitos que na necessidade cega:

Mais vale aceitar o mito dos deuses, do que ser escravo do destino dos naturalistas: o mito pelo menos nos oferece a esperança do perdão dos deuses através das homenagens que lhes prestamos ao passo que o destino é uma necessidade inexorável.¹⁰

Para nos conduzir à verdadeira felicidade a filosofia deve antes de tudo ser uma busca da minimização de dores e o gozo dos prazeres moderados, quando se fala de prazer (*hedoné*) Epicuro chama a atenção para a confusão que é feita entre sua filosofia e a de Aristipo de Cirene, pois para ele o prazer não deve ser entendido como o gozo corporal das bebidas e comidas, a orgia e a luxúria, como pensam muitos detratores de sua filosofia, mas uma satisfação moderada que inclui os prazeres da alma e a tranqüilidade.¹¹ Há aqui o que podemos chamar de cálculo dos prazeres e dores que influenciará uma concepção dos utilitaristas.

Embora o prazer seja nosso bem primeiro e inato, nem por isso escolhemos qualquer prazer: há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advém efeitos desagradáveis; ao passo que consideramos muitos sofrimentos

¹⁰ Idem, p. 49.

¹¹ Hegel chama atenção para a questão do prazer (*hedoné*) na filosofia de Epicuro que é elevado à categoria do pensamento, ao contrário dos Cirenaicos que o tomavam em si mesmo. Cf. Hegel, *Lecciones sobre la historia de la filosofia*, vol. II, p. 396-398.

preferíveis aos prazeres, se um prazer maior advier depois de suportarmos essas dores por muito tempo.¹²

Outra questão levantada pela filosofia de Epicuro é a da participação do sábio na vida pública. Como sabemos, o filósofo de Samos viveu num período conturbado da vida grega, pois esta estava sob o poder do império macedônico, desta maneira a '*Pólis*' não era mais o núcleo centralizador e legitimador da vida grega, os indivíduos passam a buscar sua razão de ser não na coletividade e na participação política (o que leva também a decadência da religião grega), mas na sua felicidade individual, desta maneira o '*jardim*' era o espaço onde se vivia uma liberdade relativa na companhia de amigos, uma espécie de comunidade política reduzida (*mikrópolis*) onde estes poderiam viver sem a repressão dos poderes despóticos. Em que sentido podemos tomar este ponto de vista epicurista como modelo para nossa realidade política hoje?

Em relação a nossa experiência política, podemos dizer que estamos vivendo a decadência da soberania nacional e o alargamento das relações políticas e econômicas mundiais, isto faz com que fiquemos cada vez mais alheios às decisões políticas, as quais se tornam cada vez mais burocratizadas, o que leva a um indiferentismo político muito semelhante ao da Grécia dos tempos macedônicos, o que também contribui para que os indivíduos busquem, em primeiro lugar, a satisfação de seus desejos e necessidades imediatas, e não a resolução dos problemas de interesse coletivo. Podemos somar a isto a crescente onda de corrupção e desmandos da política.

O homem sábio para Epicuro não é um ideal inalcançável, mas um modelo a ser buscado para sermos verdadeiramente felizes. Como ele diz:

Na tua opinião será que pode existir alguém mais feliz que o sábio, que tem um juízo reverente acerca dos deuses, que se comporta de maneira absolutamente indiferente perante a

¹² Epicuro. *Carta sobre a Felicidade (a Meneceu)*, p. 38-39.

morte, que bem compreende a finalidade da natureza, que discerne que o bem supremo está nas coisas simples e fáceis de obter, e que o mal supremo ou dura pouco, ou só nos causa sofrimentos leves? Que nega o destino, apresentado por alguns como o senhor de tudo, já que as coisas acontecem ou por necessidade, ou por acaso, ou por vontade nossa; e que a necessidade é incoercível, o acaso, instável, enquanto nossa vontade é livre, razão pela qual nos acompanham a censura e o louvor?¹³

A partir desta citação de Epicuro, podemos elencar algumas das principais características do sábio, segundo este filósofo, são elas: o sábio é um homem feliz, é reverente aos deuses, indiferente diante da morte, conhecedor da finalidade natural, capaz de discernir o bem nas coisas simples e, por fim, capaz de compreender que o homem não é dominado por forças cegas.

Este sábio epicurista não é, como se tem imaginado, um homem materialista e ateu, o qual se satisfaz no gozo de prazeres de toda espécie. Além disso, essas características nos revelam um ideal de sábio que não se confunde com a erudição e o academicismo que tem predominado desde a modernidade até os dias atuais.

III Conclusão

Em conclusão podemos dizer que, a proposta da filosofia em Epicuro é educar o indivíduo seja jovem ou velho, a partir de uma comunidade fraternal (os amigos do jardim) a buscar o caminho mais razoável para alcançar a verdadeira felicidade, que deve ser entendida como ausência de temor da morte, de superstição religiosa, de perturbação exterior, ou seja, a tranqüilidade da alma (*atharaksia*), enquanto eliminação ou minimização das dores e sofrimentos, e a fruição dos prazeres moderados.

¹³ Idem, p. 48-49.

Deste modo, a educação filosófica proposta por Epicuro é perfeitamente adequada a época em que vivemos, na qual predominam o consumismo desenfreado, a busca de prazeres infinitos, a tentação de alcançar a fórmula do rejuvenescimento ou a anulação da morte, onde os mais diversos discursos religiosos entram em confronto e se pretendem absolutos sem aceitar as diferenças. Diante de tudo isso a filosofia é chamada a trazer uma contribuição não apenas acadêmica e teórica, mas apresentar uma proposta de vida feliz e livre que leve em consideração todos esses desafios. A filosofia de Epicuro é, segundo nossa perspectiva, uma fonte perene de reflexão que pode trazer importantes elementos que nos ajudam a enfrentar tais questões contemporâneas sem cair num discurso absolutista e metafísico.

Bibliografia

EPICURO. *Carta sobre a Felicidade (a Meneceu)*. Tradução brasileira Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Unesp, 1997, 1ª edição, 51 p.

_____. *Antologia de textos*. São Paulo, Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores).

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Lecciones sobre la historia de la filosofia*, vol. II. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

LAERCIO, Diógenes. *Vida e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasília, DF: Editora da UnB, 1988. (Biblioteca Clássica UnB).

MARX, Karl. *Diferença entre as filosofias da Natureza de Demócrito e Epicuro*, São Paulo: Global, sd.

MORAES, João Quartim de. *Epicuro – as luzes da ética*. São Paulo: Moderna, 1998.

PETRIE, Alexander. *Introduccion al estudio de Grécia*. Ciudad de México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1992.